

A CONSTRUÇÃO DE DICIONÁRIO BILINGUE PARA A LÍNGUA APURINÃ (ARUÁK): PASSOS INICIAIS

*THE BUILDING OF BILINGUAL DICTIONARY FOR THE LANGUAGE APURINÃ
(ARUÁK): INITIAL STEPS*

Bruna Fernanda S. de Lima-Padovani¹

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar os resultados iniciais sobre a construção de um dicionário bilíngue para a língua Apurinã (Aruák). Propõe-se, neste texto, abordar questões teóricas e práticas que envolvem a produção deste tipo de obra. Pretende-se também fazer algumas reflexões acerca da importância da elaboração de dicionário para o Apurinã e para as línguas indígenas em geral. Para tanto, a pesquisa se articula no quadro teórico-metodológico da lexicologia e da lexicografia, baseando-se nos trabalhos de Biderman (1998); Dapena (2000); Borba (2003); Welker (2004), entre outros.

Palavras-chave: Lexicografia. Dicionário. Línguas Indígenas. Apurinã

Abstract:

The aim of the present work is to present the initial results on the construction of a bilingual dictionary for the Apurinã language (Arawak). This work proposed to address theoretical and practical issues that involve the production of this type of work. It is also intended to reflect on the importance of dictionary development for Apurinã and for indigenous languages in general. The study makes use of the theoretical and methodological framework of lexicology (BIDERMAN 1998) and lexicography (DAPENA 2000; BORBA 2003; Welker 2004).

Keywords: Lexicography. Dictionary. Indigenous Language. Apurinã.

¹ Doutoranda em Letras - Estudos Linguísticos - do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: bflimapadovani@gmail.com

diferentes de bilinguismo, algumas usando quase que exclusivamente o Português nas interações do dia a dia e uma minoria mantendo a comunicação na língua nativa do seu grupo. Diante disso, podemos concluir que o Apurinã é uma língua extremamente ameaçada de extinção, pois uma pequena parcela da população ainda fala a língua ativamente. Em geral, os mais idosos são considerados falantes ativos da língua; por sua vez, os mais jovens apenas compreendem ou sabem parte do léxico, caracterizando-se como falantes passivos de Apurinã; as crianças, em geral, não aprendem mais o Apurinã como sua primeira língua.

Visando a manutenção da língua e da cultura indígena Apurinã, este artigo trata da importância de se produzir uma lexicografia que sirva na documentação da língua desse povo e que forneça aos professores e alunos indígenas mais um recurso didático que auxilie no processo de ensino da língua Apurinã. Além disso, iremos também neste texto abordar questões teóricas e práticas que envolvem a produção de dicionários.

De início é importante esclarecer, ainda que de modo breve, que esse trabalho foi conduzida em uma abordagem que considera a língua não como um objeto abstrato, mas como inserida em seu contexto histórico e sociocultural, em que se procura articular os objetivos acadêmicos e sociais. Desse modo, buscamos organizar o dicionário Apurinã baseado na teoria linguística com a inclusão de dados e informações importantes para linguistas e um público mais amplo, tanto acadêmico quanto não acadêmico, mas buscamos também que o dicionário registrasse, para os Apurinã, as informações sobre a língua e sua cultura.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Pode-se definir a lexicografia como a ciência que se ocupa dos métodos e técnicas que devem ser seguidas na elaboração de um dicionário. Borba (2003, p. 15) afirma que a lexicografia pode ser observada a partir de dois aspectos: (i) como técnica de elaboração de dicionários, ocupa-se de critérios para a seleção de nomenclatura ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas dos verbetes, de critérios de remissões, para registro de variantes, e etc.; (ii) como teoria, busca estabelecer um conjunto de princípios que permitem descrever o léxico de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar informações pertinentes. A lexicografia é, desse modo, um saber teórico-prático

com o objetivo de elaboração de dicionário. Esta disciplina, portanto, se dedica a tudo que diz respeito aos dicionários, tanto no que se refere ao conteúdo científico quanto a elaboração do material e das técnicas adotadas em sua realização.

Segundo Isquierdo e Finatto (2010, p. 12), a lexicografia, prática ou teórica, tem mostrado como a dicionarização das línguas contribui para a descrição de seus vocábulos e de suas gramáticas, além de ter situado a cultura dicionarista como um dos elementos mais emblemáticos das culturas. De acordo com Bevilacqua e Finatto (2006), o dicionário é um tipo de propósito ou de registro de todo o patrimônio sociocultural configurado pela língua, de modo que oferece bem mais do que respostas simples para dúvidas de grafia ou de regência verbal.

Para Borba (2003, p. 16), um dicionário deve apresentar, topicamente, a estrutura e o funcionamento de uma língua, se possível em um sistema bem nítido de notação. Além disso, para o autor o dicionário nunca deve ser tomado apenas como um simples repositório ou acervo de palavras, deve ser compreendido como um “guia de uso, e como tal, torna-se um instrumento pedagógico de primeira linha”. Silva (2007, p. 284), por sua vez, afirma que o dicionário é uma obra que representa a língua e a cultura de uma coletividade, em certo período, elaborado com objetivos determinados. O autor ressalta também que o dicionário é um tipo de obra que deve acompanhar a sociedade, mudando com o tempo, com as correntes ideológicas e com os avanços tecnológicos.

Há uma variedade de tipos de dicionários e devido ao enfoque dado, os dicionários podem ser classificados a partir de diferentes critérios. Segundo Silva (2007, p. 283), a classificação das obras lexicográficas é uma tarefa muito complexa, pois surgem inúmeros problemas, sobretudo quando se relaciona o posicionamento teórico com a prática do lexicógrafo. Por essa razão, de acordo com o autor, cada estudioso tende a apresentar uma classificação diferente para as obras lexicográficas, não havendo um consenso. No entanto, os critérios mais usados na classificação de obras lexicográficas são os propostos por Malkiel (1959; 1962 *apud* WELKER, p. 36), e Landau (1989) em três critérios de classificação:

- (i) Abrangência/Variedade³ – tal classificação leva em consideração: a) o tamanho e o escopo da obra (Quanto do léxico total está listado? Quantas acepções são indicadas? Há conotações e expressões idiomáticas); b) número de línguas envolvidas na organização do dicionário (monolíngue, bilíngue, trilingue ou multilíngue (ou plurilíngues)); c) concentração em dados lexicais (o dicionário inclui nomes próprios, dados enciclopédicos, comentários além de simples definições?)
- (ii) Apresentação – este critério se ocupa de classificar os dicionários a partir de suas: a) definições (os dicionários monolíngues tendem a ter uma definição mais ampla do que o bilíngue); b) a forma que o verbo vem empregada no dicionário; c) se são incluídas no verbete do dicionário a pronúncia, divisão silábica e ilustrações.
- (iii) Perspectiva – este critério se refere a como o lexicógrafo estabelece o seu trabalho, se ele é: a) diacrônico ou sincrônico; b) normativo ou descritivo; c) como ele organiza sua obra (em ordem alfabética (direta vs. inversa), por campos semânticos ou por sons).

Seguimos esses critérios para a elaboração do dicionário Apurinã, configurando-se, portanto, como um dicionário geral bilíngue Apurinã-Português. Na próxima seção, apresentaremos os métodos utilizados na compilação do material linguístico que compõe o dicionário Apurinã.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Os dados para o desenvolvimento desse trabalho foram coletados de maneira formal, com entrevistas baseadas em questionários semi-estruturados; elicitación de listas de palavras por campo semântico; conversas informais sobre aspectos socioculturais e históricas dos Apurinã; observações do cotidiano deste povo; e narrativas tradicionais Apurinã.

As entrevistas foram, na sua maioria, gravadas e filmadas, mas algumas ocorreram em situações informais de fala, tais como diálogos com os membros das comunidades Apurinã sobre, por exemplo, uma técnica de plantio, como fazer um determinado alimento ou artesanato, etc. Além da coleta de dados linguísticos, algumas entrevistas tiveram o objetivo de fazer um levantamento sociolinguístico de informações acerca da história da comunidade, da origem e migrações dos membros da comunidade, das escolas Apurinã.

Em relação à elicitación, este mecanismo de coleta de dados foi bastante útil tanto na observação de questões estritamente linguísticas, como, por exemplo, formação de um dado

³ Esta classificação é denominada por Malkiel (1959, 1962 *apud* WELKER 2004, p. 36) por ‘Abrangência’ e por Landau (1989) por ‘Variedade’.

item lexical, quanto na documentação de elementos referentes a plantas, animais, sistema numérico, partes do corpo, elementos da natureza, etc. que revelaram aspectos culturais importantes deste povo. Este método, segundo Mithun (2011), é uma boa ferramenta para se coletar longas listas de palavras. A coleta destas listas de palavras seguiu um protocolo de coleta, onde se buscou realizar o levantamento lexical observando, por exemplo, (i) a estrutura morfológica e fonológica da palavra, (ii) as variantes linguísticas, (iii) os usos e funções dos elementos da fauna e flora na sociedade Apurinã, (iv) bem como a parte/substância desses elementos que era utilizada. A Figura 2 ilustra a organização deste protocolo de coleta:

Quadro 1: Protocolo de coleta

Município:	Localização:
Colaborador:	Comunidade: TI:
Idade:	Origem do Colaborador:
Entrada Lexical:	Glosa:
Classe Gramatical:	Estrutura Morfológica:
Subcategoria:	Gênero:
Estrutura Fonológica:	Realizações Fonéticas:
Padrão Silábico:	
Informação Semântica:	Campo Semântico:
Cognato:	Língua Aruák:
Etimologia:	
Exemplo:	
Nome científico:	Informações científicas:
	Fonte:
Variante:	Comunidade:
Tipo de Variante:	
Notas Sociolinguísticas:	
Usos/Funções:	Parte utilizada:
	Preparo:
Notas Culturais:	
Notas enciclopédicas:	
Pesquisador(a):	Data/Local da coleta:

Fonte: Elaborado pela autora

Além disso, foram muito usadas as fotos que haviam sido tiradas durante as visitas de campo precedentes. Vários autores ressaltam a importância da fotografia em pesquisas como essa. Duranti (1997), por exemplo, considera que ela contribui para que o pesquisador possa perceber detalhes que lhe haviam escapado aos olhos no momento da cena, bem como motivar diálogos e questionamentos por parte dos colaboradores em relação a um dado elemento da cultura Apurinã.

Todos os dados obtidos foram armazenados no banco de dados digital da língua Apurinã⁴. Esse banco de dados consiste em duas bases de dados: uma lexical que já possui atualmente mais de 4.000 mil entradas de palavras e morfemas em Apurinã, cada uma com anotações sobre suas características gramaticais e semânticas, algumas informações fonológicas e enciclopédicas; e a outra base constituída de textos interlinearizados⁵, entre eles, dois textos procedimentais e duas narrativas tradicionais. O programa computacional que dá suporte para o armazenamento e análise de dados da língua Apurinã é o *Fildworks Language Explore (FLEx)*⁶. Esse programa é uma ferramenta que permite a compilação de dados linguísticos e culturais, com suporte para *scripts* complexos. Este programa oferece, fundamentalmente, duas áreas de trabalho: (i) uma para registro de dados lexicais que apresenta um conjunto de campos; (ii) e outra que oferece a possibilidade de interlinearizar textos. Além disso, há também dentro desta interface uma área para entradas de informações gramaticais a serem usadas na análise automática dos morfemas.

Na próxima seção, trataremos dos aspectos mais concretos da elaboração do dicionário.

DICIONÁRIO BILÍNGUE APURINÃ-PORTUGUÊS

Com relação à estruturação do dicionário Apurinã, são considerados os seguintes aspectos: macro e microestrutura. A macroestrutura diz respeito à organização do dicionário em termos de que tipo de obra será produzida: geral ou especializado; monolíngue ou bilíngue/multilíngue; normativo ou pedagógico; ordenação por ordem alfabética ou por campo semântico. O dicionário Apurinã, como mencionamos anteriormente, configura-se como um dicionário geral e bilíngue: Apurinã-Português. A sequência das entradas segue em ordem alfabética, pretendendo assim atender ao critério de fácil manuseio da obra pelos usuários (professor, aluno e pesquisadores de diferentes áreas). A ortografia das entrada segue a proposta apresentada por Facundes (2002). Essa ortografia já vem sendo utilizada em outros

⁴ O banco de dados foi organizado pelo prof. Dr. Sidi Facundes e seus alunos de pesquisa da Universidade Federal do Pará. Atualmente, a autora desse texto é a principal responsável por alimentar o banco de dados.

⁵ Interlinearizar um texto consiste em adicionar informações como glosa, segmentação mórfica, classe de palavras, etc. alinhando cada uma debaixo da outra no FLEx.

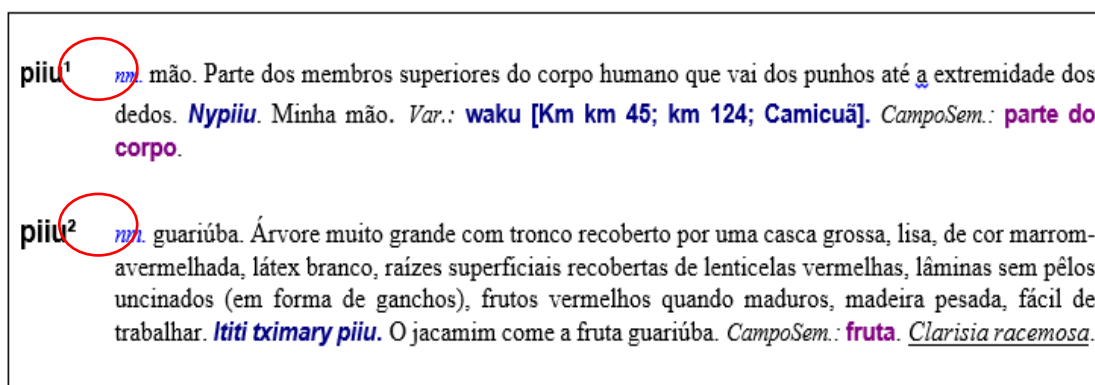
⁶ Esse programa é produzido pela *International Society of Linguistic* (antes conhecida por *Summer Institute of Linguistics* - SIL).

materiais didáticos de ensino da língua Apurinã nas escolas indígenas. As letras utilizadas no alfabeto são baseadas primariamente no Alfabeto Fonético Internacional (IPA, em inglês), dando preferência àquelas utilizadas no sistema ortográfico do português.

Quanto à seleção das entradas, foram incluídas no dicionário Apurinã os temas nominais, verbais, um grande número de partículas⁷, interjeições, ideofones, arcaísmos, neologismos e empréstimos, pois o propósito deste trabalho é o registro do léxico Apurinã em sua plenitude.

No caso de homonímia as palavras são dispostas na entrada com os significados enumerados verticalmente.

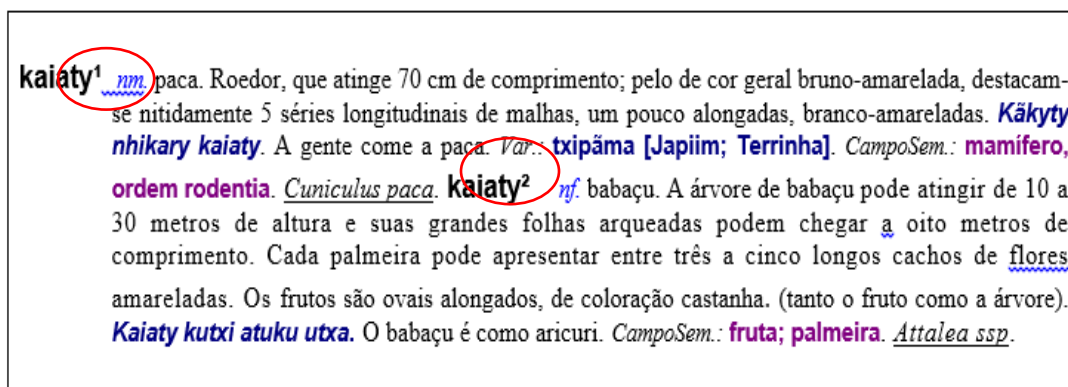
Figura 3: Exemplo de palavras homônimas no dicionário



Fonte: Dicionário Apurinã (versão preliminar)

A polissemia, por sua vez, é indicada pela enumeração horizontal do referido lexema.

Figura 4: Exemplo de palavras polissêmicas no dicionário



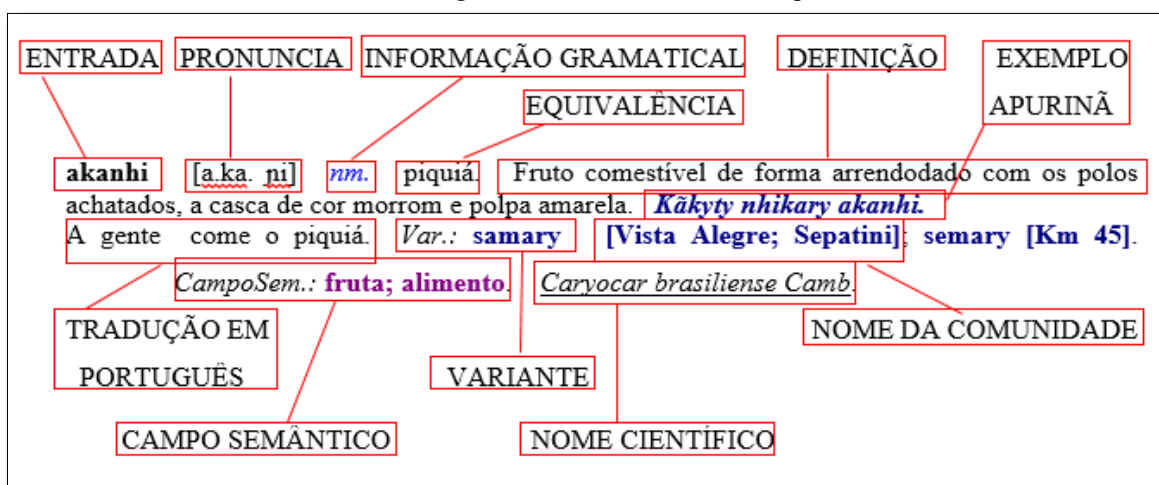
Fonte: Dicionário Apurinã (versão preliminar)

⁷ As formas presas sempre ocorrerão acompanhadas por um hífen antes ou depois das palavras.

A microestrutura do dicionário, por sua vez, corresponde às informações que compõem a estrutura interna dos verbetes. Tais informações identificam o lema, são elas: pronúncia; classe gramatical; informações explicativas (definição e, por vezes, definições enciclopédicas); informações sintagmáticas (construção, colocações, exemplo); informações paradigmáticas (sinônimos, antônimos, etc.) vários tipos de informações semânticas; informação sobre variação dialetal; ilustração, elementos de ordenação, (diversos símbolos); e remissões.

No dicionário Apurinã adota-se a seguinte ordem para cada verbete: (i) entrada; (ii) anotação fonética (pronúncia); (iii) a indicação gramatical (seguida do gênero, no caso dos nomes); (iv) a equivalência da palavra Apurinã e português; (v) a definição (nem todas as entradas terão a definição); (vi) uma frase na língua-fonte e suas traduções para o português; (vii) nota que indica variação linguística (no caso em que a palavra apresentar variação) seguida de colchete com o nome do lugar em que a variante é usada; (viii) campo semântico (anotação restrita apenas aos nomes); (ix) nome científico (nos campos específicos para fauna e flora); (x) sistema de remissa. A Figura 4 ilustra a forma como as informações estão organizadas no dicionário Apurinã.

Figura 4: Verbetes do dicionário Apurinã



Fonte: Dicionário Apurinã (versão preliminar).

No dicionário Apurinã buscou-se organizar verbetes bem contextualizados, com dados enciclopédicos e definições ostensivas, que informem sobre o conhecimento extralinguístico

do povo Apurinã. Cabe destacar também que houve a preocupação de sempre se utilizar na anotação dos equivalentes termos típicos da região onde os Apurinã vivem. Além disso, procurou-se também fazer discussões linguísticas mais aprofundadas de cada palavra-entrada de cada verbete, a exemplo, procurou-se indicar se a unidade lexical é um empréstimo e de que maneira foi introduzida na língua Apurinã, se foi por meio do Português ou de outra língua.

Vale salientar, ainda, que na elaboração do dicionário Apurinã levou-se em consideração os diversos aspectos capazes de conferir-lhe um caráter amplo, de modo a atender os diversos públicos. Dessa forma, vislumbrou-se não só os aspectos linguísticos da terminologia, mas também as características usadas pelos Apurinã, para a identificação, por exemplo, de espécies da fauna e flora; os critérios de classificação social que utilizam e o modo como essas questões se entrelaçam e refletem a visão de mundo e organização social dos Apurinã.

O dicionário Apurinã visa, portanto, ser um modelo que não seja totalmente condicionado pela teoria, mas que, sem prejuízo do rigor, permita não apenas a inclusão de dados e informações importantes para linguistas e um público mais amplo, tanto acadêmico quanto não acadêmico, mas que registre, para os Apurinã, as informações sobre a língua e sua cultura.

A elaboração de um dicionário para a língua Apurinã é uma iniciativa importante, pois possibilita que o léxico documentado seja ensinado às próximas gerações, além de que os indivíduos que não falam mais a sua língua nativa possam vir aprender por meio do dicionário mais sobre sua língua e sua cultura.

O trabalho lexicográfico, portanto, ocupa um lugar extremamente importante para as línguas indígenas brasileiras que estão em perigo de extinção, uma vez que registra e veicula, de maneira sistemática, a realidade linguística e sociocultural de uma comunidade. Tornando-se, em alguns casos, materiais didáticos de referência para a comunidade. Ou seja, a elaboração de dicionários, além de servir como um mecanismo de registro da língua fornecer à escola indígena mais um recurso didático que possa auxiliar no fortalecimento e/ou revitalização de uma dada língua.

O dicionário, portanto, é um forte aliado na descrição, na documentação e na revitalização de línguas indígenas ameaçadas de extinção. Evidentemente, a produção de

dicionários não “salvariam” as línguas por si só, mas representaria um mecanismo válido e sólido que podem, por exemplo, “empoderar” falantes silenciados pela assimetria da diglossia entre língua majoritária e minoritária. Como afirma Veloso (2012, p 237) é necessário tempo, paciência e muitas ações que fortaleçam a autoestima para que trabalhos dessa natureza possam trazer resultados significativos para as comunidades. Os indígenas precisam se sentir valorizados e prestigiados. Eles precisam de tempo para aceitar seu próprio patrimônio linguístico e cultural que de modo cruel a sociedade dominante reprimiu.

À GUIA DA CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se apresentar os principais aspectos teóricos e práticos que subjazem a organização do dicionário bilíngue Apurinã-Português. Pode-se observar que a elaboração de um dicionário para uma língua indígena configura-se como um mecanismo de suma importância no que concerne a documentação/registro de uma dada língua. Além disso, o dicionário pode ser utilizado pelas comunidades como material pedagógico de referência cuja finalidade é ampliar o conhecimento que se tem da língua no que diz respeito, por exemplo, os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Por fim, vale frisar que a produção de um dicionário para a língua Apurinã e/ou para as línguas indígenas em geral fornecerá, além dos pontos elencados acima, um objeto de interação, sobretudo cultural entre a sociedade indígena e não indígena.

REFERÊNCIA

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. **Lexicografia e Terminografia**: alguns contrapontos fundamentais. São Paulo: Alfa, 2006.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de Dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORGES, M. V. **Estudo sobre o léxico da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**: alguns resultados. In: FAGETTI, Cristina Martins (org.). *Abordagens sobre o Léxico em Línguas Indígenas*. Campinas: Curt Nimuendajú. 2012, p. 223-243.

DAPENA, José Alvaro Porto. **Manual de Técnica Lexicográfica**. Madrid: Arco/libros, S.A, 2002.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 de maio de 2015.

ISQUEDO, A. N., FINATTO, M. J. B (org.). **As ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. IV. Campo Grande, Ms Ed. UFMS; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010

LANDAU, S. **Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography**. **New York**: Cambridge, 1989.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda. *Levantamento Sociolinguístico do Léxico da Língua Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruák)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém: 2016.

MITHUM, M. **Who shapes the record**: the speak and the linguist. In: NEWMAN, P.; RATLIFF, M. (eds.). *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 34-54

SILVA, Maria Cristina Parreira da. Para uma tipologia Geral de Obras Lexicográficas. In: OLIVEIRA, A.M; ISQUERDO, A.N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS. 2007. Pp. 283-293.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena proposta à Lexicografia. Brasília: Thesaurus. 2004.

SOBRE A AUTORA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA), inserida na linha de pesquisa Análise, Descrição e Documentação de Línguas Naturais. Com mestrado e graduação em Letras pela mesma Universidade. Durante a graduação atuou como bolsista de Iniciação Científica ligada ao projeto de pesquisa Estudos Histórico-Comparativos Aruák (coordenado pelo Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes), seguindo os planos de trabalho: Expansão da Base Eletrônica de Dados Linguísticos Comparativos Aruák a partir de Texto; e Variação Linguística, Correlatos Socioculturais e o Passado dos Apurinã. Atualmente é professora no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Recebido: 07/06/2018

Aprovado: 13/09/2018